

A «CIÊNCIA PURA» INSTRUMENTO DO IMPERIALISMO CULTURAL O CASO DO CHILE

Maurice Bazin

A utilização dada às «ciências puras» depende inteiramente da atitude que, do seio dos países «desenvolvidos», guia os cientistas que se dizem puros e canalizam o imperialismo cultural e o condicionamento ideológico.

Sob a designação de «ciências puras» entendo a matemática, a física, a investigação biológica e outros domínios que, no dizer dos espíritos liberais, não podem em caso algum veicular o imperialismo.

Uma análise dos factos revela que as coisas se passaram sempre de outra maneira. Há mais de um século, o biólogo Charles Darwin foi um excelente precursor dos modernos tecnocratas exportadores de ideologia. Cerca de vinte anos antes de publicar a sua teoria da evolução acumulou as provas experimentais sobre os animais e as plantas por ocasião de um périplo de dois anos que constituiu o seu único contacto fora do mundo da sua mansão britânica. Percorreu as costas da América do Sul a bordo do *Beagle* e aí estudou com fascínio e nos seus mais ínfimos pormenores a flora, as aves e a geologia, em especial na ilha de Chiloe, no Chile. No seu diário, todo o fóssil com indícios de raridade tornou-se objecto de longas descrições requintadas e poéticas. Em contrapartida, os habitantes locais eram descritos apenas como «estas pobres gentes fisicamente subdesenvolvidas, de rostos hediondos sarapintados de branco, de pele suja e gordurosa, cabelos emaranhados, voz dissonante e gestos violentos. É frequente perguntar-se que espécie de prazer poderão experimentar certos animais inferiores; seria lógico

que esta questão se pusesse primeiramente em relação a estes bárbaros.»

Darwin interessava-se já puramente pela ciência «pura» — as pessoas, os seres humanos, em especial os «indígenas», não faziam parte dessas considerações científicas. Assim, as deformações sociológicas do darwinismo utilizadas no seio do mundo capitalista como base da ideologia de agressão e de competição dominadora onde «ganha o melhor» encontraram o seu fundo racista e tocaram a sua origem na atitude de um sábio venerado que compilou um dos primeiros grandes trabalhos científicos modernos.

Debrucemo-nos agora sobre uma época mais recente. No começo dos anos sessenta, nos Estados Unidos, como reacção ao lançamento do satélite Sputnik pela União Soviética, os investigadores da elite — esses físicos que aprofundavam os conhecimentos nucleares através da construção de aceleradores no valor de várias dezenas de milhões de dólares, para satisfazerem os seus desejos e a sua curiosidade — decidiram pôr-se ao serviço da competição tecnológica pacífica com Moscovo, propondo novos textos para o ensino secundário americano. Apresaram-se a escrever programas modernos para os alunos do último ano do ensino secundário; preparavam assim com grande antecedência futuros candidatos ao doutoramento que eles poderiam eventualmente supervisionar. Em física, o PSSC (Physical Science Study Committee), constituído essencialmente por investigadores de física nuclear ou atómica do MIT (Massachusetts Institute of Technology), elaborou um texto de física com trabalhos práticos e filmes. Outros manuais foram criados em biologia (BSCS), em química e em matemática com siglas similares. Uma vez realizado este trabalho de modernização do ensino e passado em bloco por esta elite aos professores do ensino secundário aturdidos e intimidados, os nossos autoproclamados pedagogos voltaram-se para o exterior para aí propagarem os frutos da modernização. Desenvolviam já uma intensa movimentação, de conferência internacional em colóquio especializado, e o facto de irem fazer pregações aos «subdesenvolvidos» era apenas uma extensão normal destas actividades viajantes. Conseguiram facilmente obter verbas da Organização dos Estados Americanos (OAS) e lançaram-se em campanhas de ensino, sob o sol estival dos trópicos, em especial na América

Latina, na Índia e no Paquistão. Para os novos missionários da ciência isto dava ensejo a umas férias exóticas, libertas de constrangimentos familiares (pois é evidente que deixavam mulher e filhos em casa). E para os figurões da América Latina era a glória da ciência que vinha até eles para restituir o dourado à autoridade das suas academias.

Para compreender as consequências ideológicas da introdução destes cursos modernizados nos países do Terceiro Mundo é preciso considerar certos aspectos do seu conteúdo. No caso especial da física, os exemplos que ilustram as leis da mecânica não se referem já às colisões de bolas de bilhar, mas de partículas nucleares. Introduz-se, assim, nos estudantes, já privilegiados em relação ao povo iletrado, a ideia de que só um mundo que conheça a física nuclear poderá possuir as verdades profundas; assim cresce a imagem do gigante do Norte. Além disso, todas as partículas se deslocam a velocidades aproximadas da velocidade da luz e compreender assim a «relatividade» permite imediatamente àqueles que recebem esta nova sabedoria um sentimento de superioridade. Encontram-se, assim, automaticamente alienados da sua própria sociedade, onde a velocidade habitual é a do boi que puxa o arado. O que aprendem a respeitar na ideia de ciência são os conceitos abstractos, as realizações experimentais que eles mesmos não podem reproduzir e que não possuem quaisquer elos com a sua própria cultura. São deste modo abandonados a um estado de impotência intelectual total em relação ao Norte, a quem devem as suas pretensões de superioridade sobre os seus compatriotas. O resultado concreto da exportação do resplendor inacessível da ciência moderna traduz-se na emigração dos melhores estudantes; eles são captados pelos programas de investigações puras e pelo modo de existência elitista dos sábios do mundo «desenvolvido». Sucumbem, assim, a um propaganda intelectual difundida por homens de ciência inconscientes da sua acção, embora esses mandarins que se dizem benfeitores saibam perfeitamente que «é assim que extraímos dos países da América Latina os nossos melhores candidatos ao doutoramento» (palavras do Prof. W. Fretter, físico da Universidade da Califórnia, muito influente no estabelecimento de relações contratuais entre a Universidade da Califórnia e a Universidade do Chile). O docente dos países desenvolvidos que chega à América Latina

é considerado como um deus. Ele representa a superioridade intelectual do Norte; desvia a atenção do seu auditório dos problemas locais e imediatos. Este processo foi institucionalizado em 1964, no caso do Chile, pela iniciativa de Clark Kerr, o homem da Multiversidade como fábrica de moldagem de cérebros e por essa época presidente da Universidade da Califórnia, que propôs estabelecer laços formais entre a sua universidade e a universidade do Chile. Os dois reitores acabaram finalmente por firmar um contrato (*el convenio*) em 1965, válido por dez anos, com um orçamento anual de um milhão de dólares da Fundação Ford. A maior parte desta verba é gasta na emigração de estudantes graduados para os Estados Unidos. O fim deste contrato é o desenvolvimento da investigação fundamental no Chile, o que é o mesmo que dizer o desenvolvimento do que está mais afastado da realidade das necessidades chilenas. Os promotores destas propostas divulgam a teoria de «desenvolvimento» dos países «subdesenvolvidos», segundo a qual a criação de elites ligadas à investigação fundamental permite difundir eventualmente conhecimentos técnicos e um desenvolvimento intelectual geral através de todas as camadas da sociedade. Esta teoria idealista, que pretende gerar automaticamente uma *intelligentsia* nova e benévola ignora totalmente as realidades políticas locais e os interesses de classe. Auto-apresentando-se nos textos do «convénio» como «ilustres representantes da comunidade académica», encaram todo o desenvolvimento como uma recuperação, uma necessidade de preencher uma brecha entre «desenvolvidos» e «subdesenvolvidos» na corrida ao progresso e ao modernismo. Mas as únicas aproximações que conseguem operar na prática realizam-se apenas entre as elites das camadas mais favorecidas de ambas as sociedades. Historicamente, doze cientistas da Universidade da Califórnia passaram inicialmente três agradáveis semanas no Chile. Um ano mais tarde, em 1965, o programa foi inaugurado pela criação de uma Faculdade de Ciências, que confere o título de doutor em Ciências. Este título não existia anteriormente no Chile, pelo que não se encontravam aí aquelas pessoas importantes e orgulhosas do seu «doutorado» que passeiam a sua arrogância em cidades como Caracas. Foi, pois, o império do Norte que decidiu facilitar a criação desta elite que prega nas paredes os seus diplomas emoldurados.

Paralelamente ao estabelecimento de estudos para o doutoramento o «convénio» interveio ainda sob a forma de propostas para a reforma universitária chilena, sob o modelo americano. Esta reforma foi inicialmente desencadeada por uma contestação estudantil do sistema arcaico, segundo o qual, por exemplo, o reitor da Universidade Católica de Valparaíso era directamente nomeado pelo Vaticano. Mas, ao lado da eliminação de anacronismos, a reforma teve repercussões ideológicas na atitude dos professores, ao «modernizar» a direcção da profissão. Os universitários chilenos eram principalmente professores que pouco se dedicavam à investigação, mas que iam mantendo os seus conhecimentos em dia e participavam em programas de ensino extra-universitários e populares, agrupados sob o nome genérico de trabalho de extensão universitária. A reforma redefiniu o professor como sendo, acima de tudo, um investigador ligado a um grupo de investigação fundamental.

Foram assim criados grupos com as suas hierarquias internas, caracterizados por uma viva competição em relação às verbas. Começaram a aparecer os mandarins locais, escolhidos, como é evidente, principalmente entre as personagens mais agressivas e com formação no estrangeiro. Um «doutor», diplomado por uma universidade da Virgínia, passou a chefiar um grupo de física das partículas elementares. Deste modo, a orientação científica chilena viu-se dominada pelos emissários da ideologia da ciência pura e de investigação fundamental, passando a negligenciar totalmente os aspectos de serviço à educação geral do país. A noção de trabalho de extensão universitária está praticamente ausente de todos os textos do «convénio»:

O investigador formado nos Estados Unidos, habituado a ver os seus pares publicarem regularmente artigos no *Physical Review*, que é o grande jornal, ou no *Physical Review Letters*, que é o jornal em cima dos acontecimentos, considera muito natural que os textos oficiais sobre a reforma universitária recomendem aos Chilenos a publicação de estudos em revistas estrangeiras, dado ser essa obviamente a via da notoriedade, da consideração daqueles que são importantes, dos guias ideológicos do Norte. Quanto ao «convénio», este especifica que um verdadeiro professor deve publicar em inglês! Assim, a dependência intelectual deverá ser uma rendição intelectual total e uma submissão ideológica. Se dúvidas restassem quanto ao valor

desta análise, bastaria recordar que, durante os debates sobre a reforma universitária no Chile, a Fundação Ford exerceu uma pressão evidente, suspendendo durante um ano os seus subsídios ao «convénio».

Mas enquanto a investigação pura recebia um grande impulso, um outro sector ficou totalmente esquecido como candidato a observou um dos promotores do «convénio» perante a Sociedade Americana de Física em 1972: «O Chile é um país bizarro que, sendo o maior produtor de cobre do mundo, não possui nenhuma escola de engenharia de minas. Não sei porque é que, com o «convénio», não criámos nenhuma.»

Um dos mais importantes projectos do «convénio» foi o envio para a nova Faculdade de Ciências de Santiago de um ciclotrão, isto é, de um acelerador de partículas, que já fizera o seu tempo no *campus* de Davis da Universidade da Califórnia. Esta máquina requer uma grande quantidade de energia eléctrica e era preciso alimentá-la com uma linha de alta tensão especial que atravessava os bairros de lata adjacentes, onde falta a electricidade. Será necessário registar também que, embora o ciclotrão tivesse sido uma oferta, não havia quaisquer verbas previstas no «convénio» para o equipamento experimental e para o programa de investigação, cujo orçamento depende inteiramente do Ministério da Educação chileno. Embora oferecido em 1966, o ciclotrão só começou a ser utilizado em experiências — aliás desprovidas de interesse — em 1971. Permaneceu, assim, o elefante branco dispendioso que o próprio presidente Frei inaugurara um ano após a sua instalação; por essa ocasião apenas um reduzido número de estudantes fez ouvir os seus protestos. Um pormenor técnico pode ilustrar o custo de semelhantes brinquedos da elite; sendo no Chile a corrente de 50 períodos e de 60 a dos Estados Unidos, e não se tendo feito a tempo a devida adaptação, o ciclotrão gastou durante mais de um ano uma vez e meia a quantidade de energia eléctrica que deveria ter utilizado. O pessoal que trabalha com esta máquina consiste em quatro pessoas doutoradas em Física, que ocupam totalmente o seu tempo à volta do aparelho; em 1971, numa altura em que a província de Santiago sofreu grandes inundações e foi sacudida por um tremor de terra, todos os físicos do ciclotrão continuaram o seu trabalho de investigação, enquanto os estudantes e alguns professores organizavam a sua partici-

pação nas operações de socorro. Mas nunca qualquer processo popular afectou os investigadores puros. É característica uma anedota a respeito de um deles: durante as antepenúltimas eleições presidenciais perguntaram a um professor em qual dos candidatos à presidência da República iria votar. Embora ele se declarasse «da esquerda», respondeu que iria votar no cristão-democrata Frei, e não em Allende, «porque, se Allende tomar o poder, é provável que reduza os créditos à investigação pura. Se quiser continuar o meu trabalho de física, farei, pois, melhor em votar no cristão-democrata.» Eis ao que um ciclotrão pode conduzir! E o único estudante licenciado que recebeu uma formação especializada através da máquina partiu imediatamente para a Universidade de Berkeley para estudar física nuclear teórica, financiado pela Ford.

A interacção entre o conteúdo e o estilo da prática científica e a ideologia revelou-se-me com especial evidência por ocasião de discussões com certos colegas chilenos durante o governo da Unidade Popular. Fui convidado a participar numa mesa-redonda sobre a filosofia da mecânica quântica; a escolha deste tema pareceu-me gratuita numa época em que toda a gente falava da nacionalização do cobre e de socialismo. Chegado o momento da minha intervenção, observei que a simples escolha do tema representava uma decisão ideológica e que, se eu aceitasse discuti-lo, daria com isso a minha caução a todo um cientismo purista. Isto chocou os meus colegas, mas encantou alguns estudantes, que relançaram a discussão ao nível que eu havia proposto. E não tardou que toda a gente pretendesse definir o que poderia ser um «físico revolucionário». Um professor chileno, daqueles a que Fanon chama *Pele Negra, Máscara Branca*, formado nos Estados Unidos, insistiu sobre a ordem das palavras: um físico primeiro que tudo é um físico num mundo revolucionário. Não era capaz de imaginar a sua participação que não fosse através da sua actividade profissional unidimensional. Quando lhe pediram que explicasse o que isso significava na prática, respondeu: «Para os que pertencem à Faculdade de Ciências isso quer dizer que passaremos a fazer uma física melhor, que trabalharemos com maior intensidade e que publicaremos artigos melhores e com mais frequência nas melhores revistas da especialidade.» Era-lhe impossível sair do seu síndrome de manipulado e ser qualquer outra

coisa que não um físico em tudo e para tudo. Um outro professor declarou que a sua forma de participar, como físico, no processo revolucionário chileno consistia em levar a ciência até junto do povo, levando um telescópio para o meio de um bairro de lata para que os habitantes pudessem observar a Lua através dele. Quais são as consequências ideológicas de semelhante acção? Antes do mais, a pessoa conserva a imagem do professor; aliás, ele apresentou-se de gravata na sessão de discussão e não a tirava nas suas visitas aos bairros de lata. Ninguém lhe chama «companheiro», mas «professor». Ele traz, assim, consigo a própria ideia de hierarquia e de elite, a necessidade das elites que são as únicas a compreender o que é um telescópio, enquanto o homem comum deve permanecer respeitosa e maravilhado diante daquela «caixa preta» impenetrável e secreta. O professor é o único que pode transmitir conhecimentos; mas isso não passa de um mito no presente caso, dado que ele não transmite qualquer poder e comunica uma admiração beatífica sob a forma de conhecimento.

O habitante do bairro de lata esforçar-se-á por colocar o seu olho no sítio certo e verá efectivamente a Lua em ponto maior, o que o levará a dizer que os cientistas sabem fazer coisas formidáveis. Colocar-se-á, deste modo, automaticamente numa posição de sujeição intelectual. E a relação de forças entre as classes sociais será mantida.

Voltemos agora ao «convénio» da Universidade do Chile com a Universidade da Califórnia. Uma questão muitas vezes posta pelos norte-americanos é a seguinte: «Que vantagens tira a Universidade da Califórnia deste contrato?» Em primeiro lugar, há a selecção de estudantes chilenos que vão preparar o seu doutoramento na Califórnia. Mas há também as possibilidades de investigação proporcionadas aos grandes professores californianos, em especial o interesse geológico do Chile; e nisto estas elites aproximam-se do seu grande antecessor Darwin, que teceu rasgados elogios às curiosidades geológicas chilenas. Além disso, os investigadores agrónomos podem multiplicar por dois a sua actividade de investigação, pois, «estando o Chile situado no hemisfério Sul, é possível estudar aí as plantas durante o Inverno californiano, tomando o avião com passagem paga pelo 'convénio' e podendo, assim, proceder ao dobro das publicações.» São as palavras de um investigador.

Independentemente das ciências físicas e naturais, o «convénio» ocupa-se também da formação de bibliotecários. O Prof. Miles, de Los Angeles, passou dois anos no Chile a estudar o problema e apresentou as suas sugestões num relatório com cerca de uma centena de páginas. Essas recomendações consistiam em propor que se seleccionassem anualmente dez pessoas com formação científica ou técnica e transformá-las em bibliotecários «especializados na informação», através de um programa de licenciatura na Califórnia. Deste modo, algumas pessoas já penetradas da ideologia cientista poderão regressar da Califórnia preparadas para dar às bibliotecas chilenas certas orientações novas. O relatório fala efectivamente de uma «nova política de aquisição» de livros. De acordo com a criação de um pessoal *a priori* propenso para a técnica, esta política insiste na aquisição de livros científicos modernos (e caros). Assim, serão eliminados os actuais bibliotecários, formados pela escola de bibliotecários da Faculdade de Educação e que encomendavam livros esquerdistas a editores estrangeiros. O relatório Miles especifica mesmo que os candidatos a esta licenciatura deverão passar alguns meses à experiência na Califórnia antes de começarem o programa a fim de garantirem uma boa adaptação. Mas no caso de três professores que leccionavam os alunos-bibliotecários e cujas posições reaccionárias são bem conhecidas o relatório propunha-os designadamente como bolsseiros, a fim de fazerem um curso de actualização na Califórnia.

O condicionamento dos cérebros dos candidatos intelectuais da pequena burguesia do Terceiro Mundo tem o nome de imperialismo cultural. Esta manipulação não é acidental, tendo sido, pelo contrário, deliberada há muito tempo pelos homens das «ciências sociais» de Washington. Em vez de soltar as tropas de choque é mais fácil conquistar antecipadamente «os corações e os cérebros». É o que explica o documento *O Problema dos Países Subdesenvolvidos*, do Gabinete de Estudos Secretos e de Investigações da Secção de Estudos Estrangeiros do Departamento de Estado norte-americano desde 1959: «... nunca insistiremos demasiado sobre o facto que influenciar a maneira de pensar e as emoções das pessoas nos países subdesenvolvidos é coisa que só pode ser feita pelos seus concidadãos em nume-

rosos casos e por sábios independentes ou analistas da opinião pública noutros.»

Todo o processo que conduz à fuga dos cérebros e ao seu condicionamento não só é importante pela sua extensão numérica (recordemos que o número de médicos diplomados que emigram todos os anos do Terceiro Mundo para os Estados Unidos equivale à produção das quinze maiores escolas de Medicina americanas), mas sobretudo pelas suas consequências ideológicas. Aqueles que regressam ao seu país levam consigo toda uma série de atitudes adquiridas nos Estados Unidos: a ideia de pertencerem a uma elite, o espírito de competição, o estado de dependência completa a que se submeteram (tanto mais que têm de importar todo o seu material experimental), o gosto a que chamam necessidade pelos congressos internacionais com viagens pagas pelo governo. Um jovem investigador que encontrei na Escola de Engenharia de Santiago e a quem perguntei: «Como é que você pode continuar aqui as suas investigações teóricas sobre as partículas elementares?» respondeu-me: «É muito difícil; por isso faço os possíveis por ir todos os anos aos Estados Unidos, onde permaneço três meses, para me actualizar e emprender qualquer coisa de interessante.» Para este jovem chileno o estar no Chile significava algo de negativo. A sua alienação chegara a esse ponto. Levantou objecções a uma recente lei do governo socialista que reduziu a saída de divisas autorizada a cada viajante. E começou a duvidar do valor do socialismo.

O tecnocrata anglicizado junta a sua voz à do jornalista local para fazer o elogio do novo reactor nuclear instalado em Santiago. Descrevem como o aparelho permite esterilizar os instrumentos cirúrgicos com o seu feixe de neutrões e fazer tratamentos de irradiação em batatas para atrasar a putrefacção das armazenagens; isto num país onde 25 médicos foram executados pela Junta de Pinochet por se terem recusado à greve contra o governo de Allende, onde a água a ferver esteriliza os instrumentos, como aliás em todo o lado, e onde a falta de alimentos é de tal ordem que o problema da conservação de stocks nunca se pôs. Mas a mistificação do modernismo cientista é tão forte que os jornais chilenos saudaram a inauguração deste reactor como a sua entrada na «era nuclear»,

entrada essa evidentemente paga em dólares ao país construtor desenvolvido.

Os cientistas formados nos Estados Unidos consideram-se habitualmente intérpretes junto dos seus concidadãos das ideias originárias do Norte. Esta atitude assume por vezes um sentido bastante concreto quando estes imitadores se lançam a traduzir livros na sua língua natal. E em vez de traduzirem textos úteis os membros da Faculdade de Ciências põem-se a traduzir para uma colecção dita «popular» o livro *Mundos e Antimundos*, do físico teórico e Prémio Nobel H. Alfen, que trata do problema da separação da matéria e da antimatéria durante a formação inicial do universo! Estas elites chilenas que gastam o seu tempo com este tipo de trabalhos revelam a sua visão nostálgica de um público baseado numa classe social tecnocrática privilegiada do mundo «desenvolvido». Propagam o mito burguês da «vulgarização científica», quando o seu trabalho é inteiramente ortogonal ao interesse das massas populares do seu próprio país.

O processo pelo qual os cérebros científicos do Terceiro Mundo são roubados pelos países desenvolvidos encontra-se em vias de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. O Prof. Moravcsik, da Universidade de Oregon, organiza as viagens de professores americanos com vista ao recrutamento e selecção dos melhores candidatos nos seus próprios países. Por exemplo, a Índia produz hoje demasiados engenheiros para as suas necessidades e muitos deles procuram continuar os seus estudos nos Estados Unidos. O processo de pré-selecção no próprio local é, pois, tecnicamente justificado. Este mesmo professor dá o seu parecer de perito nos congressos de educação científica. Dado que actualmente nos Estados Unidos o número de estudantes com interesse pelas ciências se encontra em diminuição, desenvolve-se ali um grande esforço para atrair pessoas dos outros domínios para as ciências exactas. Novos textos foram escritos com títulos sedutores; um deles chama-se *Física para Poetas*. Foi também este o título de uma conferência que o Prof. Moravcsik fez no Chile! Que um professor americano exporte uma ideologia manipuladora numa perfeita inconsciência política não é surpreendente. O que é lamentável é que tenha sido convidado pelos seus colegas chilenos, com alguns poetas entre eles, que substituíram a questão política do papel da luta de

classes na educação científica por vulgaridades sobre as técnicas publicitárias aplicadas. Esta simbiose ideológica entre os tecnocratas do Norte e do Sul é um indicio do êxito de todo o imperialismo cultural.

Os investigadores científicos, convencidos dos seus direitos aos privilégios, a exemplo dos seus colegas norte-americanos, são os novos-ricos da elite latino americana. Tradicionalmente os médicos e os advogados constituem a respectiva aristocracia. O seu objectivo é o conforto e o consumo. Mas para lá do televisor e do automóvel, exigem também contratos de investigação e missões com todas as despesas pagas para assistirem aos congressos internacionais. Além disso, aspiram a estadias reparadoras na Meca dos eleitos profissionais: o Centro Internacional de Física Teórica, de Trieste, dirigido pelo mandarim paquistanês Abdus Salam e banhado pelas doces águas do Adriático e pelos dólares da Fundação Ford e da Agência Internacional para a Energia Atómica. Ali, como anunciam os dirigentes do Centro, «alguns físicos de nomeada e em actividade nos países em vias de desenvolvimento, criteriosamente seleccionados, têm direito ao privilégio de utilizar as generosas instalações postas à sua disposição». Quanto aos professores, eles vêm «por duas ou três semanas, tendo apenas a responsabilidade formal de uma conferência por dia». Este tipo de criações caracterizadas pelo seu internacionalismo elitista serve como modelo ideológico à pequena burguesia do Terceiro Mundo. Os homens da ciência «pura» convencem-se facilmente da sua própria importância e aliam-se aos outros oportunistas que constroem para si mesmos renomes «internacionais» no seu próprio país. Regressados a casa, passam a viver na nostalgia dos belos dias em Trieste, onde, nas palavras de um participante, «se sentiam pertencer a uma grande comunidade, unida pela linguagem matemática e pela língua inglesa de sotaque estrangeiro, e onde em comunhão desvendavam os mistérios da natureza».

A nomeação de um matemático para a Junta Militar Chilena para «reconstruir» a faculdade tradicionalmente mais progressista da Universidade do Chile não deverá de modo algum surpreender-nos. Esse homem, Raul Bravo, fez o seu doutoramento na Universidade da Califórnia através do «convénio». Hoje escreve aos seus colegas americanos para justificar a repressão da Junta: «A Junta insistiu reiteradamente que não se

preocupa com as opiniões políticas dos indivíduos — a não ser que as exprimam através de uma espingarda... Também não nos dedicamos à caça às bruxas. Se estiverem na disposição de pôr de lado a política nas aulas e de trabalharem, serão aceites.» Por altura do golpe militar no Chile, o ciclotrão e a Faculdade de Ciências onde se encontra não foram atingidos. Só o decano foi afastado. Como então observou um membro da comissão executiva do «convénio»: «A existência do 'convénio' teve uma influência protectora.» Mas muito próximo dali, os operários foram desalojados, de canhão em riste, das suas fábricas. Quanto à Universidade Técnica, frequentada pelos técnicos saídos da classe operária, foi alvo de ataque, entre outros objectivos militares. O seu edifício principal foi arrasado e 400 estudantes e professores encerrados no Estádio Chile, onde metade foi abatida ao acaso. Mas os generais fascistas sabiam que nada tinham a recear da elite da Faculdade de Ciências que se encontrou, sem se dar conta, no campo da reacção.

Em Janeiro de 1975, mais de um ano depois do golpe militar, a Universidade da Califórnia acabou finalmente por suspender o «convénio». A repressão fascista havia atingido um professor chileno que fizera o seu doutoramento em Berkeley, na Califórnia. Este gesto final, se bem que uma bofetada para a Junta Chilena, foi praticamente gratuito, dado que, de qualquer forma, o contrato da Fundação Ford deveria terminar em 1975, após dez anos de bom funcionamento do «convénio».

CAPÍTULO VI

RETOMAR A INICIATIVA

Criar criar
criar no espírito criar no músculo criar no nervo
criar no homem criar na massa
criar
criar com os olhos secos
[...]

Agostinho Neto